

A ESCRITA DE MULHERES COMO GESTO DESCOLONIAL EM TÂNIA SOUZA

WOMEN'S WRITING AS DECOLONIAL GESTURE IN TÂNIA SOUZA

Rosana Cristina Zanelatto Santos ¹
Letycia Vitória Lopes da Silva ²

Data de recebimento do texto: 11/01/2026

Data de aceite: 05/02/2026

Resumo: Este artigo problematiza como a escrita de mulheres pode operar como gesto de (re) existência frente à violência epistêmica instaurada por uma modernidade eurocêntrica e falocêntrica. Partindo das reflexões de Enrique Dussel, Ramón Grosfoguel e Oyèrónké Oyewumi, considera-se a literatura como campo de disputas simbólicas, capaz tanto de reproduzir silenciamentos históricos quanto de abrir espaços para vozes insurgentes. A análise concentra-se na obra *Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabitados*, de Tânia Souza, autora sul-mato-grossense cuja produção literária encarna uma poética de margem, reinscrevendo o sujeito feminino a partir das ruínas, rastros e ausências, desafiando a centralidade literária do Sudeste e do Sul do Brasil, convocando a crítica a reconhecer geografias e experiências outras.

Palavras-chave: Descolonialidade. Literatura sul-mato-grossense. Tânia Souza. Escrita de mulheres.

Abstract: This article is situated in the critical horizon of decoloniality, problematizing how women's writing can operate as a gesture of (re)existence in the face of the epistemic violence established by a Eurocentric and Phallogocentric modernity. Drawing on the reflections of Enrique Dussel, Ramón Grosfoguel, and Oyèrónké Oyewumi, literature is considered a field of symbolic disputes, capable of both reproducing historical silences and opening spaces for insurgent voices. The analysis focuses on the work *Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabitados*, by Tânia Souza, a writer from Mato Grosso do Sul whose literary production embodies a poetics of the margins, reinscribing the female subject from ruins, traces, and absences, challenging the literary centrality of Southeast and South Brazil, and calling on criticism to recognize other geographies and experiences.

Keywords: Decoloniality. Literature from Mato Grosso do Sul. Tânia Souza. Women's writing.

¹ Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1999). Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Vice-Presidente da ABRAPLIP (2010-2011). Presidente (2012-2013) da ABRAPLIP. Membro do GT de Literatura e Ensino da ANPOLL. Vice-Presidente do Conselho Curador da Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (FAPEC) (2017-2018). Presidente do Conselho Curador da Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (FAPEC) (2018-2021). Vice-Presidente do Conselho Curador da Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (FAPEC) (2021-2024). Vice-Coordenadora do GT Literatura e Ensino da ANPOLL (2022-2023). Membro titular do Conselho de Coordenadores de GT (2023-2025). Coordenadora do GT Literatura e Ensino da ANPOLL (2023-2025). Representante da Regional 2 (SP e MS) na gestão 2026-2027 da ABRAPLIP. Pesquisadora Sênior da UFMS e da UEMS. Pesquisadora de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Pesquisadora da FUNDECT-MS. E-mail: rosana.santos@ufms.br

² Graduada em Letras, com habilitação em Português e Espanhol pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atuou no PIBID, Subprojeto de ESPANHOL - FAALC, no período de 19/10/2020 a 14/03/2022; foi monitora de ensino de graduação, na disciplina Língua Latina I, no período de 10/08/2021 a 10/12/2021; e foi bolsista de Iniciação Científica (2022-2024) com o projeto A voz feminina na literatura indígena: o caso de Julie Dorrico. Atualmente, curso do mestrado no PPGEL/UFMS. E-mail: letyciaalice6@gmail.com

Introdução

eis-me
entre poro e palavra
poema
(Souza, 2020, p. 81)

A constituição do pensamento ocidental moderno se deu sob o signo da dominação, da exclusão e da violência epistêmica. A pretensão de universalidade do conhecimento produzido por homens europeus dos séculos XVII, XVIII e XIX não apenas consolidou um paradigma eurocêntrico como natural, mas também relegou ao silenciamento e ao esquecimento outras formas de saber e de existir. Nesse contexto, a crítica de autores como Enrique Dussel, Ramón Grosfoguel e Oyèrónké Oyewumi é fundamental para a problematização das estruturas coloniais do saber, seja pela denúncia da modernidade eurocêntrica, seja pela análise dos diversos epistemicídios engendrados ou pela desconstrução de categorias como gênero.

É a partir desse horizonte crítico que este texto dialoga, ao propor investigar como a escrita de mulheres pode operar como gesto descolonial. Para tanto, a literatura é aqui compreendida como campo de disputas simbólicas e epistemológicas no qual a linguagem tanto pode reforçar o silêncio imposto historicamente às mulheres quanto abrir brechas para vozes insurgentes. Interessa-nos, portanto, pensar a escrita literária como prática política e estética de reexistência, capaz de tensionar o paradigma colonial do saber e da representação de gênero.

A reflexão articula-se com perspectivas da descolonialidade, da epistemologia do Sul e da crítica feminista, tomando corpo, espaço e memória como eixos estruturantes de uma poética insurgente. Nesse sentido, a escrita que emerge da margem e que recusa os centros hegemônicos inscreve-se como ruptura nas normas coloniais de conhecimento, propondo novos modos de narrar o mundo e de habitar a linguagem.

O *corpus* analisado será a obra *Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabitados*, de Tânia Souzaⁱ, autora sul-mato-grossense cuja produção encarna uma poética para além da centralidade do Sudeste e do Sul do Brasil. Sua escrita constrói, a partir de uma experiência situada no Centro-Oeste do Brasil, uma travessia do exílio simbólico imposto às mulheres escritoras, sobretudo às que habitam regiões consideradas periféricas. Ao narrar desde as ruínas, os rastros e as ausências, Tânia reinscreve a presença de um sujeito feminino

insurgente, reconfigurando a geografia literária brasileira e desafiando as narrativas oriundas de lugares cuja centralidade foi inventada.

Seus poemas, atravessados por imagens de fogo, sangue e ancestralidade, revelam o corpo feminino como território de insubmissão e de memória. Nesse gesto literário, a escrita torna-se ato de reexistência, em diálogo com a desobediência epistêmica, como proposta por Walter Mignolo, recusando as formas coloniais de produção do saber ao mesmo tempo em que inventa outros mundos possíveis. A poética de Tânia não se limita à denúncia: ela opera como espaço de fratura, transgressão e de reconstrução, questionando a invenção do cânone e convocando o leitor a escutar o que foi historicamente calado.

Ao compreender a escrita de mulheres como um gesto literário, este artigo sugere que tal produção tensiona as margens, desestabiliza categorias fixas e abre espaço para outras formas de autoria, linguagem e crítica literária. A insurgência dessa escrita está no ato de narrar a partir do corpo e da experiência, tornando visível o que foi sistematicamente omitido e reinscrevendo, no campo literário, vozes e mundos outros.

1 A escrita como um lugar de (re) existência na modernidade da América Latina

A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) têm dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. (Grosfoguel, 2016, p. 25)

Enrique Dusselⁱⁱ propõe uma reinterpretação da modernidade, não como um marco do avanço racional e civilizatório, mas como um projeto geopolítico de dominação. Para ele, a modernidade pode ser entendida como um processo que nasce — não com o iluminismo ou com o pensamento cartesiano — a partir da colonização das Américas, já que, a partir do final do século XV, a Europa se constitui como o centro da história mundial, estabelecendo as bases de sua centralidade sobre o apagamento violento de outras histórias e saberes.

Em seu texto *Meditações anti-cartesianas: sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade*, o filósofo argentino nos apresenta a modernidade como um fenômeno localizado, pertencente a um lugar e a um tempo específicos. Reconhecer esse enraizamento geopolítico implica, necessariamente, um deslocamento filosófico, uma vez que “[...] o ‘deslocamento’ geopolítico desse ‘lugar’ e desse ‘tempo’ significará igualmente um deslocamento ‘filosófico’, temático, paradigmático” (Dussel, 2015, p. 12). Isso significa dizer que a filosofia moderna não pode mais ser compreendida como universal e, sim, como

o fruto de uma localização específica — a Europa do norte do século XVIII — com interesses igualmente localizados.

Fazer esse deslocamento nos permite compreender que a construção de uma ilustração, a partir da qual foi possível a constituição de uma Europa do sul, do centro e do norte — o que ocorre desde meados do século XVIII —, possibilitou a forja de três categorias de ocultamento da exterioridade europeia, a saber: o orientalismo, o ocidentalismo eurocêntrico e a noção de um “sul da Europa” (Dussel, 2015, p. 12). Essa última porção se refere à redução de antigas civilizações que foram concebidas e entendidas como o centro da história — a Grécia e o Império Romano — a periferias culturais, “[...] resto cultural, um mundo antigo” (Dussel, 2015, p.12). Dussel denuncia, assim, o caráter intra-europeu e ideológico dessa narrativa, ressaltando que o *ego cogito* cartesiano é precedido por um *ego conquiro*: antes de pensar, conquista-se; antes da razão, vem a violência. A subjetividade moderna, moldada a partir desse gesto, invisibiliza raça, corpo e gênero, apresentando-se como neutra quando é branca, masculina e europeia.

Essa crítica se conecta às reflexões de Ramón Grosfoguelⁱⁱⁱ sobre o racismo/sexismo epistêmico, que denuncia o privilégio epistêmico conferido aos homens ocidentais de definir o que é verdade, realidade e até o que é melhor para os demais sujeitos. Estruturas coloniais e patriarcais consolidaram-se por meio de genocídios e epistemicídios — entendidos como uma destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos, como nomeou Boaventura de Sousa Santos (2010). Grosfoguel recorda que, no século XVI, milhões de mulheres europeias que transmitiam saberes comunitários foram queimadas vivas sob a acusação de bruxaria:

Os ataques sofridos constituíram uma estratégia de consolidação do patriarcado centrado na cristandade, que também destruía formas autônomas e comunais de relação com a terra. A Inquisição foi a vanguarda dos ataques. A acusação era um ataque a milhares de mulheres, cuja autonomia, liderança e conhecimento ameaçavam o poder da aristocracia. (Grosfoguel, 2016, p. 42)

Diferentemente dos livros indígenas ou muçulmanos destruídos em fogueiras, o conhecimento feminino, transmitido oralmente de geração em geração, foi combatido com a destruição dos corpos das mulheres. A inquisição, nesse sentido, foi a vanguarda de um patriarcado que não apenas silenciava mulheres, mas também aniquilava formas de vida autônomas, comunais e em relação íntima com a terra. Ainda hoje, o conhecimento feminino é visto como inferior dentro e fora do elenco do cânone ocidental do pensamento, o que torna

as estruturas fundacionais das universidades ocidentalizadas epistemicamente racistas e sexistas, o que implica em um ambiente excludente para mulheres.

As cinzas dessas fogueiras, no entanto, hoje se transformam em matéria de (re) existência literária. Nessa esteira, é importante enaltecer as mulheres que enveredam pelos corredores tanto das universidades quanto da cena literária. Pensando nisso, apresentamos o livro *Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabitados*, de Tânia Souza (2020, p. 13), em que a autora define o que são os poemas dessa coletânea: trata-se de “[...] um poemário de atravessamentos, feito de poesias que buscam nos ossos do tempo, sua consistência e delicadeza, formado de palavras alimentadas no aconchego da memória das mulheres que a trouxeram até ali.

Em *Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabitados*, com suas imagens de fogo, sangue e ancestralidade, os versos de Tânia ecoam não somente a violência colonial-patriarcal, mas também a transfiguram em resistência. No poema “ciranda”, lemos:

lambidos de faíscas fagulhas
transcenderam a noite
pétala de histórias antigas
soprou suave das chamas

vertigem de assombro
serpenteou meus quadris
alternância de cor, eu e violinos
tantas outras giravam comigo

não há resistir ao sussurro da brasa
uma mulher que dança ao fogo
amanhece outra (Souza, 2020, p. 103)

A dança ao redor das brasas reinscreve aquilo que tentaram apagar: o corpo feminino como território de memória, de insubmissão e de (re) invenção. Se no passado as fogueiras buscavam aniquilar saberes, na poética de Tânia, elas se convertem em lugar de transformação, de força para amanhecer diferente, transformadas e dispostas a caminhar junto de outras mulheres.

A escrita foi inúmeras vezes negada às mulheres pela exclusão da alfabetização, pelo desprestígio de sua produção e pela cristalização de representações de caráter binário, como prostituta ou santa, anjo ou demônio, bruxa ou fada, mãe dedicada ou *femme fatale*, reforçando a dicotomia nas representações de gênero, acentuando a imagem do feminino como algo fixo e não plural, como se entendem na atualidade as questões femininas e feministas (Camargo e Oliveira, 2015, p. 339). Ao deslocar o olhar das margens para o centro

da cena literária, Tânia reconfigura o cânone, inscrevendo experiências antes invisibilizadas. Sua poética, situada em Mato Grosso do Sul, questiona os limites da literatura nacional e da crítica, convocando-nos a ouvir aquilo que foi historicamente silenciado.

quando nasci, anjo nenhum
esbelto
safado
ou querubim
predestinou caminhos para mim

por caminhos e descaminhos sombrios
só a poesia do experimento me guia (Souza, 2020, p. 49)

No poema “gauche, eu?”, em diálogo com “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Com licença poética”, de Adélia Prado, podemos lê-lo como a jornada de afirmação da mulher na escrita. A ausência de um anjo que “predestinou caminhos” — assim como nenhuma entrada para a ascensão literária esteve facilitada — e os “caminhos e descaminhos sombrios” percorridos simboliza as barreiras e a necessidade de autonomia das autoras.

2 Sobre fronteira e silenciamentos na poesia de Tânia Souza

Oyèrónké Oyèwùmí,^{iv} em seu estudo intitulado *La invención de las mujeres* (2017), realiza uma crítica à universalização do conceito de gênero, tal como estabelecido pela tradição ocidental moderna. Para a autora, o gênero é uma construção histórica e cultural do Ocidente, sustentada por uma “bio-lógica”, que se ampara no corpo, atribuindo a ele o significado ontológico, transformando-o em marcador absoluto de diferença e hierarquia. Como ela afirma: “A noção de que a diferença e a hierarquia social têm um substrato biológico seguem gozando de credibilidade, inclusive entre as/os cientistas sociais” (Oyèwùmí, 2017, p. 37).^v Assim, a biologia ainda é mobilizada como justificativa para a inferiorização social, como se as desvantagens de uma pessoa estivessem inscritas no corpo e não em processos históricos e políticos.

Mesmo que os discursos ocidentais se pretendam racionais ou liberais, o corpo permanece no centro dessa organização social. É ele que legitima metáforas como a do “corpo político” e que sustenta, historicamente, práticas de exclusão que tentam justificar a eliminação dos corpos considerados indesejáveis, como ocorrido durante o nazismo. É também ele que, desde a filosofia grega até o dualismo cartesiano, aparece como prisão da

razão, algo a ser superado (Oyèwùmí, 2017, p. 45). Nesse arranjo, mulheres, pessoas não brancas, pobres e outros grupos subalternizados foram historicamente reduzidos a seres encarnados e governados por instinto e afetividade, enquanto os homens brancos foram concebidos como razão pura, “mentes andantes” (Oyèwùmí, 2017, p. 55). O resultado foi a naturalização de hierarquias sociais inscritas no corpo.

Esse modelo, ao tratar o gênero como construção social sustentada por determinismo biológico, acabou sendo exportado como universal, mesmo quando aplicado a contextos nos quais o corpo não é fundamento da vida social. A sociedade yorùbá, por exemplo, mostra como a lógica biocêntrica não é inevitável: nela, o gênero não se constituiu como categoria estruturante: “Se o gênero é construído socialmente [...] disso resulta que, em algumas sociedades, a construção de gênero jamais chegou a acontecer” (Oyèwùmí, 2017, p. 51)^{vi}. Daí o caráter etnocêntrico da aplicação indiscriminada de categorias ocidentais em realidades não ocidentais, inclusive no interior de algumas vertentes críticas como o feminismo, em que acabam por exibir “[...] as mesmas característica etnocêntricas e imperialistas dos discursos ocidentais que busca subverter” (Oyèwùmí, 2017, p. 55).^{vii}

Essa crítica atravessa também nossas próprias margens. Assim como Tânia Souza, ambas nascemos no interior do Brasil, entre fronteiras geográficas e discursivas, com fraturas invisíveis, mas sensíveis. Ao ler Oyèwùmí, percebemos que não é só no corpo que se dá tal inscrição, mas também no olhar que o fixa — o olhar colonial, o olhar de gênero, o olhar que nos lê antes mesmo que digamos quem somos, um olhar que se acredita capaz de decifrar e defender crenças e posições que não lhe pertencem e que nem conhece.

Esse olhar atravessa a poética de Tânia Souza. Leiamos o poema “Casa”:

um dia eu voltei era outono
cheiro doce da erva mate queimada
no aconchego da cozinha
alma fronteira

sonhei correntezas do Rio Apa
onde índias meninas brincavam

que há com as margens tristes de
árvores e vazios?
Bela Vista que já não se vê
águas transbordam
preço de almas irmãs

terras brasiguaias e fronteiras guaranis
sou filha da fronteira, acá
amo essa terra e a luz de suas tardes
quase esqueci tristeza

e voltei

senhor, senhora,
sabem que nos charcos sapos ainda
contam de outras eras?
tantas lágrimas
tanta guerra
ouro é verde
é soja
é gado
é para o povo nada (Souza, 2020, p. 76-77)

Aqui, Tânia nos mostra que a pertença fronteiriça é mais do que geografia: é corpo situado, interpretado, muitas vezes aprisionado em sentidos que não escolhemos. Ela também pode retornar, por meio de seu poema, à terra de sua infância, uma “Bela Vista que já não se vê”, questionando: “que há com as margens tristes de árvores e vazios?”. Essa pergunta não é só paisagística, mas sobretudo existencial. Há mundos em que o gênero não se impôs como categoria dominante, mundos em que o sentido se fez mais por sons, sabores e memórias do que por uma ótica hierárquica do corpo.

Nesse poema, Tânia ainda se declara “sou filha da fronteira, acá”, e a palavra “filha” não quer se inscrever numa biologia, mas numa pertença afetiva e política. A fronteira não é só um espaço entre países, é um entre-lugar do qual a geografia não dá conta, onde o gênero é desmontado, refeito, escorrido pelas frestas da linguagem. A modernidade, o progresso e mesmo certos feminismos acadêmicos impõem discursos prontos à realidade fronteiriça. A poesia, por sua vez, resiste — como sapos cantando memórias antigas nos charcos.

Já no poema “Desencontro”, Tânia Souza (2020, p. 95-96) vai além:

dancei guarânia e chamamé
com um homem de chapéu
mão na cintura
viola e voltas no salão

sonha ele outros tempos
pensa agro e pantaneiro
mas não sabe ser

eu que não queria estar
estou

são assim, os dias no asfalto

li um livro que ninguém escreveu
dancei frente ao espelho
fiz uma oração ao universo
e à fronteira que reside em mim

entre polcas rock e harpas

entrelaços
riffs de solidões
e ruas longas largas
- cidade sitiada

tenho sonhos guaranis
ao som de blues
e isso é absolutamente solitário ao
amanhecer

A voz lírica que nos saúda dança em meio a guarânias e a chamamés, mas seu espaço logo se dobra: “eu que não queria estar / estou”. Há aí um deslocamento que não é apenas geográfico, é ontológico. O corpo dançante é também um corpo capturado por expectativas, por imagens. O masculino ali “pensa agro e pantaneiro / mas não sabe ser”, como se a própria identidade estivesse esvaziada sob o peso de uma masculinidade padronizada e hegemônica. Como se ele não precisasse questionar esse lugar, essa pertença, que a ele sempre foi sumariamente entregue, merecida ou imerecidamente.

Oyèwùmí (2017, p. 7) chama essa operação de “raciocínio corporal”, a tendência ocidental de tratar certos corpos como naturalmente determinados: enquanto o masculino branco se torna “mente andante”, mulheres, pobres e racializadas são reduzidas à carne, ao instinto, ao afeto. A poética de Tânia tensiona esse olhar em “Fotograma III”:

procuro memórias outras elas
entanto, centaurides biônicas
no cerrado cantigam tristezas

em bares café internet livros
– solidão
labirintos logarítmos
afloram fina teia de melancolia

carrego nas ancas resquícos de roça
arroz no pilão
e outras coisas campesinas
que só de escutar, conheci

espiava da varanda as mulheres
que passavam na rua
menina que via vestidos pretos
e bacia prata
na elegância e orgulho
da cabeça erguida
levam longos cabelos e bacia
quentinha de chipa
de roupas, de quê?

essas mulheres e suas imensas bacias
na cabeça
seriam tristes suas elegâncias?

corria um dia em polcas, hinos e sinos
o som das harpas e xales coloridos
abrigando a tarde
e o radinho de pilha destelhando
fronteiras

que Infiel cronologia
no retrato três por quatro
meus cabelos trançados entre fitas
e sonhos do outrora

eu era mais real do que agora (Souza, 2020, p. 71-72)

As mulheres que passam carregando chipas e bacias são vistas como corpo, mas a tristeza e o cansaço permanecem invisíveis. O olhar que as lê como “fortes” ou “resistentes” é o mesmo que lhes nega complexidade.

Contra essa lógica visual e biocêntrica, Oyèwùmí (2017, p. 39) propõe distinguirmos entre a “[...] visão do mundo” e o “sentido do mundo”^{viii}: se a visão privilegia o visível, o sentir, a escuta, o cuidado nos revelam o não-dito, o invisível, o que escapa ao olhar colonizador. Nos versos de Tânia, “carrego nas ancas resquícios de roça / arroz no pilão / e outras coisas campesinas / que só de escutar, conheci”, o conhecimento não é visual, mas auditivo, memorial, afetivo. Trata-se de uma epistemologia dos sentidos, não de anatomia.

Assim, ao ler Oyèwùmí em diálogo com a poética fronteira de Tânia Souza, compreendemos que o corpo pode ser menos prisão e mais encruzilhada. Que a diferença não precisa nascer da biologia, mas da multiplicidade de mundos possíveis. Ao entrelaçar a crítica ao determinismo biológico de Oyèwùmí com esses versos de Tânia, descobrimos que a poesia é também teoria e que o corpo, afinal, é uma das muitas formas de contar quem se é.

A crítica à equivalência entre sexo e gênero desestabiliza as leituras fáceis, permitindo ver que ser “filha da fronteira” não é identidade biológica, mas inscrição política e afetiva. Conhecer os poemas de Tânia Souza nos leva a refletir sobre a possibilidade de atravessar, cumprimentar, construir e desconstruir nossas fronteiras, movidas especialmente pelo desejo de expansão de quem somos e não pela necessidade de fugirmos dos olhos julgadores de quem nos traspassa para macular quem somos.

Considerações Finais

As críticas de Dussel, Grosfoguel e Oyèwùmí desvelam que a suposta neutralidade do pensamento ocidental é, de fato, fruto de um projeto geopolítico sustentado por violência epistêmica, apagamentos históricos e imposições ontológicas. A modernidade não se configura apenas como marco civilizatório, mas como estrutura de dominação que articula raça, gênero e conhecimento como dispositivos de controle.

O *ego conquiro* antecede o *ego cogito*, e nele se assenta a exclusão sistemática de vozes não europeias. Os epistemicídios nomeados por Grosfoguel, em especial o que se vincula ao corpo feminino, escancaram o custo humano e intelectual da consolidação do sujeito moderno, enquanto Oyèwùmí denuncia o etnocentrismo das categorias de gênero, mostrando como a universalização ocidental perpetua apagamentos epistêmicos. Nesse horizonte, a descolonização do saber não é mero exercício acadêmico, mas um imperativo político que exige reconhecer a pluralidade, a localização dos sujeitos e a historicidade das categorias que utilizamos.

É nesse espaço de deslocamento que a poética de Tânia Souza ressoa como gesto insurgente. Seus poemas, lidos aqui à luz de Oyèwùmí, revela que escrever é habitar a beira: da linguagem, da identidade, do reconhecimento. Ao tensionar o corpo como centro de significação e denunciar as amarras coloniais que aprisionam a experiência feminina, Tânia não nos oferece refúgio, mas frestas pelas quais o mundo pode ser reinventado.

Nas margens que Tânia traça, encontra-se também uma trajetória própria, feita de fragmentos — ossos, cinzas, fitas — que compõem outro mapa, onde ser mulher, fronteira, leitora, poeta e pesquisadora não se excluem, mas se entrelaçam. O gesto descolonial, compreende-se, não é apenas teórico: é corpo dançante, oração ao universo, um livro que escrevemos para amanhecer outras e que, enfim, começa a ser lido.

Referências

CAMARGO, Flávio Pereira; OLIVEIRA, Romair Alves de. Escrita feminina: uma forma de resistência. **Via Litterae**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 329-349, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/>. Acesso em 14 dez. 2025.

DUSSEL, Enrique. Meditações anti-cartesianas: sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade. Parte I. **Revista Filosofazer**, Passo Fundo, n. 46, p. 11–24, jan./jun. 2015.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo do século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25–49, jan./abr. 2016.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. **La invención de las mujeres**: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: Editorial en la frontera, 2017.

SOUZA, Tânia. **Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabitados**. Belo Horizonte: Editora Venas Abiertas, 2020. (Coleção II Mulherio das Letras, v. 15).

ⁱ Natural de Bela Vista/MS, Tânia vive em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Escreve poesia, literatura infantil, crônicas, contos insólitos e de terror, além de ser professora. Também participa dos coletivos Mulherio das Letras e Tarja Preta e dos grupos de leitura Vórtice Literário e Leia Mulheres.

ⁱⁱ Filósofo argentino radicado no México, professor emérito da UNAM-Iztapalapa, foi uma das principais referências da Filosofia da Libertação, falecido em 2023.

ⁱⁱⁱ Professor do Departamento de Estudos Étnicos da Universidade da Califórnia – Berkeley.

^{iv} Cientista social e feminista nigeriana.

^v “*La noción de que la diferencia y la jerarquía social tienen un sustrato biológico sigue gozando de credibilidad incluso entre científicos y científicas sociales*” (tradução livre).

^{vi} “*Si el género está construido socialmente [...] resulta lógico suponer que en algunas sociedades la construcción de género jamás llegó a suceder*” (tradução livre).

^{vii} “[...] *las mismas características etnocéntricas e imperialistas de los discursos occidentales que busca subvertir*” (tradução livre).

^{viii} “[...] *visión del mundo*” e “[...] *sentido del mundo*” (tradução livre).